

## **Um tijolo e um queijo: reflexão sobre valor e saberes na formação de uma identidade local**

Fernando Betim Paes Leme

Durante o encontro de debates da temática “design e território”, realizado neste 5º simpósio, me foi feita uma pergunta a respeito de como entendia esta nova onda de eventos gastronômicos de divulgação de produtos de origem, orgânicos e familiares. Início este trabalho, portanto, apresentando um histórico vivenciado nas montanhas de Itamonte-MG, para, ao finalizar o texto, responder com mais consistência sobre este fato.

Deste modo, o trabalho que se desenvolve aqui é de um embate cultural de uma experiência vivida ao longo mais ou menos de 18 anos, desde que foi adquirido um pedaço de terra no sul de Minas Gerais. Neste período foi possível vivenciar diversos momentos políticos e econômicos, em condições determinantes para entendimento mais apurado das importâncias e hábitos culturais locais. Hábitos definidores da identidade dos moradores deste lugar, ou melhor, “território”.

### **Um diário de campo**

Naqueles primeiros anos, por volta de 1998, enquanto convivia com atividades de construção e fazeres técnicos relacionados à arquitetura local, presenciava simultaneamente uma crise na produção e comercialização do leite, atividade mais forte e presente na região. Por características do lugar, os mesmos operários que trabalhavam nas obras de construção também eram ao mesmo tempo produtores de leite e trabalhavam correspondentemente na terra agricultável. Havia uma preocupação enorme das pessoas do campo com a crise nos preços de mercado para seus produtos, que inviabilizava a continuidade da produção.

Notadamente a preocupação maior estava relacionada à sobrevivência das famílias em se manterem nas suas propriedades, na busca por caminhos e alternativas

possíveis que garantissem recursos para permanência na terra. Naquele momento de dificuldades, muitos dos meninos que acompanhavam seus pais na lida e se engajaram em outros serviços para manterem os recursos das famílias vislumbravam como alternativa o ingresso em outras oportunidades de carreira, como alistamento militar, capacitação para trabalho industrial na cidade ou mesmo operários como na obra que eu realizava. Mudar de ramo era uma alternativa real.

Para alguns rapazes que acompanhamos com mais proximidade, muitas conversas se travaram, dado o interesse em conhecer melhor que universo de trabalho era este da construção e que sonhos poderiam realizar. A contra-argumentação se mostrava também limitadora para as expectativas lançadas, pois tal qual na área agrícola, a crise econômica afetava também outros setores de produção. Mas a conversa mais significativa se deu com dois rapazes, Deoclécio, conhecido como Nenê, e Geovani, ambos irmãos e adaptados aos fazeres do campo. Sem emprego, com estudos interrompidos e pouca idade ainda, mapearam o universo que os esperava para tomar decisão de futuro, do trabalho que escolheriam não somente para si, mas principalmente um trabalho de estabilização do grupo familiar ao qual pertenciam. Este é um ponto de fundamental importância quando falamos de território em um lugar como este. Não se pode conceber esta ideia sem pontuar o peso das atividades coletivas nas culturas rurais, do colaboracionismo, das ações compartilhadas, da ideia de estrutura familiar interconectada. Todos se ajudam e atuam como um corpo maior em prol do desenvolvimento de seus indivíduos. E foi sob este aspecto que os dois rapazes tomaram decisões distintas. Nenê, após muitas conversas sobre a ampliação do ganho na produção de leite, quando este é beneficiado ao ser transformado em queijo com qualidade própria e distribuição direta ao consumidor, decidiu estruturar sua própria queijaria. Geovani, em combinação com o irmão mais novo e também com o restante da família, decidiu que ajudaria na renda se capacitando como mestre de obras, sem deixar de lado suas atividades agrárias, para as horas restantes da semana.

A decisão de Geovani seguiu um caminho de aprimoramento dos fazeres construtivos conhecidos por qualquer habitante rural, que aprende a erguer cercas, levantar paióis e construir abrigos. Um fazer a ser qualificado com novos aprendizados que poderiam ampliar recursos. Já Nenê, também se conduziu pelo aspecto econômico sem dúvida, embora tenha pesado fortemente uma tradição de seus antepassados na confecção dos queijos, mesmo que ele mesmo ainda não tivesse preparado nenhum. Ora, e que perspectivas teria um rapaz desses, com tão pouca idade para seguir o trabalho de queijeiro sem a experiência necessária? Ao mesmo tempo, que facilidades se abrem no setor de construção para o outro jovem que já carrega uma bagagem prática rica em saberes construtivos? É aqui que começamos a cuidar deste conceito de território que tratamos a princípio.

As ideias de preparar queijos ou construções de adobe mostraram serem possíveis de serem alavancadas somente pelo fato de que a mesma ideia de rede para um mundo contemporâneo interconectado se mostra presente aqui, entranhada no campo, neste caso sob a forma de colaboração direta, física, orgânica, humana. Sem intermediação dos mecanismos de mídia (não neste momento). E é neste sentido que se apresentam os saberes passados de pai para filho, pela participação das avós e dos parentes que se mostraram prontos a resgatar o conhecimento do que se fazia muito tempo antes. Participaram avó, pai, tio e tias nas preparações iniciais dos primeiros queijos preparados por Nenê (Figura 1), assim como para construções de adobe trabalhadas por Geovani.

Em relação às construções, o aprendizado de Geovani (Figura 2) se deu muito mais em função do interesse em conhecer como se constrói nas áreas urbanas, saber regras e especificações técnicas exigidas por legislações municipais, do que propriamente no fazer construtivo. Podemos dizer que Geovani incorporou outros novos saberes técnicos, compartilhados pelo universo especializado da construção, muito mais do que o seu rico saber construtivo trazido pelas tradições culturais locais, embora pouco valorizado. Houve aí, para os dois lados, uma troca vantajosa, pois foi possível também conhecer e aplicar em diversas obras rurais, o saber técnico das taipas e adobes que eram exercidos com “o pé nas costas” pelos moradores do lugar, ao mesmo tempo em que foi possível capacitar este rapaz a interagir na participação das obras com códigos legais que aconteciam na cidade. Neste período Geovani pôde realizar tanto arquiteturas tecnicamente normatizadas, de complexidade tecnológica maior, quanto residências feitas de adobe no campo, que livre de boa parte das regras vigentes, ganharam grande visibilidade por seu caráter artesanal.



**Figuras 1 e 2** Deoclécio (Nenê) na queijaria, construída por ele e pelos irmãos, e Geovani, construtor.

Fonte:

Em relação aos queijos, o que se acompanhou foi um reencontro de lembranças. Transferiram e recuperaram também segredos, detalhes do aperfeiçoamento do parmesão tradicional da Mantiqueira, que só passam a ser desvelados na ação prática, no fazer cotidiano e compartilhado pelos experientes. Para que não ganhe esta ideia de memória o valor de uma relíquia guardada, definidor do caráter deste bom produto que começou a se produzir na pequena queijaria, faz-se pertinente também incluir nesta história a atuação de cursos de capacitação como os oferecidos por órgãos como a EMATER-MG, que Nenê prontamente procurou, ávido por saber tudo que pudesse ajudar nesse assunto. Bom, e a ideia de território nisso?

Naturalmente para estes rapazes, colocados frente às crises políticas, aos riscos econômicos, e sabedores de suas diferenças de formação e instrução, agarrar todas as fontes de informação é decisivo. Seguir as normas de regularização e permissão impostas pelas legislações para produção e comercialização destes queijos também.

## **Um embate de valores: entre artesanania e padronização**

O processo de produção tradicional dos queijos fica comprometido quando são corrompidos os procedimentos originais que dizem respeito ao manejo, às ferramentas, aos equipamentos e às instalações que envolvem a cadeia produtiva artesanal que o definiram. Neste caso seguir as normas que se estabeleceram significa o preparo de um novo produto, um “outro queijo” que aponta para o máximo da padronização e controle. Acatar as regras do jogo definidas por órgãos de vigilância sanitária e saúde pública é definidor para a caracterização que definirá a identidade do produto preparado. Estes rapazes entendem isso, embora por sobrevivência não pensem duas vezes para se submeterem às regras. Estavam ambos em busca do consentimento legal para alavancarem suas atividades de trabalho definidas. Encontramos aqui o primeiro embate entre padronização e artesanania, entre global e local.

Um segundo embate ocorre mediante um decreto de demarcação do “Parque Estadual do Bico do Papagaio”, que, segundo as demarcações oficializadas, impõe aos moradores locais enraizados na região por séculos de gerações a desapropriação ou, em outros casos, a obrigatoriedade de transformarem suas terras em áreas de preservação permanente. Para as instâncias governamentais, a concepção do decreto é um ganho ambiental que preserva o território de uma série de agressões ambientais provocadas por mau uso do solo. Para os habitantes locais, a percepção é de que são moradores invisíveis à importância deste mesmo ambiente.

Assustados com a iminência de serem retirados de suas terras, de serem obrigados a uma adaptação a outro lugar estranho, a única compreensão que apresentam é de que seu trabalho, sua história e memória não representam valor para estes órgãos. Neste processo de condução das decisões que viriam a ser necessárias, em meio ao desnorreamento e às dúvidas que se criaram, o caminho mais apropriado que se achou abraçar foi de buscar a união do grupo e a construção de uma identidade comum que permitisse a estes, como tantos outros camponeses da região, serem reconhecidos como pertencentes a um Patrimônio Imaterial da região. Formou-se aí uma associação de moradores, AMABEM, como estratégia jurídica de contrabalançar o peso das ações de desapropriação. A argumentação de valor cultural local, que justificasse o entendimento de patrimônio imaterial estava justamente pautada na concepção da riqueza histórica de saberes que ali se encontravam. Neste sentido apresentam-se como relevantes saberes construtivos, agrícolas, religiosos, de gastronomia, que se consolidaram fortemente desde tempos de colonização. O queijo parmesão da Mantiqueira é derivado daí, colocado com ideia similar da tradição que se estabeleceu com outros saberes brasileiros, assim como com produtos franceses e italianos (vinhos, queijos, embutidos...). Decorre daí também a assimilação com o conceito de Terroir, que caracteriza um espaço onde se desenvolve um conhecimento coletivo, sob relações familiares e culturais comuns. Um espaço onde ocorrem interações entre o ambiente físico, biológico e práticas agrícolas que definem aspectos distintos dos produtos que derivam deste lugar. Essencialmente é sob este prisma que se encontram os moradores deste local e, ironicamente, é sob esta cultura territorial que o decreto, as leis sanitárias e as regras de produção atuam de modo prejudicial.

Deste lado de cá do território observado, posição que nos permite apreciar o desenrolar deste cenário, o entendimento de valor se apresenta com outro viés. Quando apresentamos uma confortável casa de adobe ou colocamos um queijo como este na mesa de um restaurante, na vitrine de uma loja conceituada, o que se passa é a valorização deste produto sob outra ótica, uma ótica em que um produtor, como Nenê ou Geovani, entra como personagem de um enredo, de uma construção de memória, de uma identidade que é rica em história para nós. De um cenário diferenciado que nos faz viajar para outros tempos e lugares, conhecer culturas diferenciadas. Há, de certo modo, quando valorizamos a ideia de território como valor agregado no produto que aí se realiza, uma intenção clara de permanência da memória e cultura local tal qual a concebemos e a vendemos na vitrine. Fundamenta todo discurso uma concepção de que há que se preservem estes valores de modo a não se perder aquilo que nos remete ao passado ou mesmo a lugares distantes tal qual sonhamos. Um discurso que rapidamente se apropria desta ideia, como um selo de valorização econômica do que ali se produz. Interessa ao negócio e ao valor do produto que se garanta uma imagem ideal

daquele fazendeiro, com chapéu de palha, sotaque arrastado, palha de capim no canto da boca e um ar de ingenuidade no olhar como caracterização fiel daquele cenário construído que se vende. Para estes rapazes cumprir seu papel de herdeiros da tradição, investidos de uma estética histórica imaginada, como parte de um cenário descrito aos moldes de um conto de fadas repercute na valorização de quem está do outro lado desta vitrine, do lado de cá, de fora do território.

De algum modo este cenário se dá dentro de um processo de legitimação controlada.

## **Valorização sociocultural: saberes coletivos, memória e hábitos**

Participantes deste olhar, diversos autores da área do Design incorporam a importância de caracterizar, de valorizar a autenticidade e originalidade que acompanham a história carregada pelos produtos locais. Enxergam neste caminho uma oportunidade de incorporar valores ligados à preservação ambiental e à sustentabilidade. Entendem também que nesta convivência de grupos heterogêneos torna-se necessário para o Design o desenvolvimento de novas competências que atuem nos processos produtivos para fortalecimento destas identidades. Cabe aos designers a capacidade de interpretação destas peculiaridades locais, daquilo que é original e diferenciado nos produtos. Nesse sentido, torna-se imperativa a capacidade que produtores, designers e mesmo o país tem de interpretar o estilo de vida local (local culture e local lifestyle) para que ele seja inserido como componente diferencial dos produtos que competem hoje em nível global (DIJON DE MORAES, 2010, p. 14).

A ideia de correspondência dos valores culturais e históricos impregnados nos produtos de consumo são apontadas também como modo de agregar valor aos produtos locais: “o atributo do design de agregar valor e de ser capaz de gerar diferenciação, ganha relevância nos processos de desenvolvimento dos territórios contemporâneos” (REYES; BORBA, 2008, p. 2).

Estratégias de envolvimento maior com esta identidade são tratadas como fundamentais para compreender as qualidades destes produtos originais, ricos em significados, reconhecendo e tornando perceptíveis os valores e as qualidades das culturas locais. Para este trabalho o design requererá muita sensibilidade e uma carga de responsabilidade grande. Na medida em que se definem caminhos de inclusão destes valores diferenciados, abrem-se também as perspectivas de inclusão dos novos saberes contemporâneos nestas culturas tradicionais.

Contar a “história do produto” significa comunicar elementos históricos, culturais e sociais associados, possibilitando ao consumidor avaliar e apreciar o produto de forma mais ampla – considerando, por exemplo, os serviços ambientais embutidos no próprio produto [...] Rastreabilidade técnica de produtos está diretamente relacionada com a segurança do consumo e com seus atributos objetivos. No entanto, é necessário considerar outros aspectos para avaliar sua qualidade (KRUCKEN, 2009, p. 4).

Para esta área do saber, este olhar de valorização sociocultural se coloca como um sopro de renovação e naturalmente enxergam nos produtos respostas a estes valores. Mas cuidam sobremaneira para que estes conceitos não se transformem unicamente num pretexto de consumo.

No contexto de Nenê e Geovani, o cotidiano de atividades se caracteriza por grande distanciamento de centros urbanos, restringindo acesso a recursos como comunicação, transporte, comércio, ferramentas e de certa forma tecnologias de produção. Notadamente neste contexto, as atividades artesanais se apresentam como resposta evidente, denotando conseqüentemente uma identidade local que, imediatamente dentro deste conceito *terroir*, é apropriada e valorizada como ganhos de distinção.

Para os moradores que habitam este cenário, há o cuidado para que em nome da valorização do produto não se mantenham eternamente aprisionados e caracterizados como simplórios caipiras como em um quadro de Almeida Junior.

Bem, é evidente que a convivência com estas pessoas desmonta um pouco este entendimento de construir nossos desejos urbanos apoiados nestes habitantes do campo. Os desejos destes são de inclusão aos benefícios que o mundo contemporâneo pode oferecer. Na realidade há uma consciência muito clara de que, mais do que possuírem bens ou tecnologia, devem ter minimamente acesso disponibilizado aos avanços e passem a pertencer ao mesmo conjunto social do qual participamos.

O queijo preparado por Nenê e tantos outros personagens das montanhas da Mantiqueira buscam naturalmente que este valor reflita no fruto de seu trabalho, mas o preço não há de ser condicionado a um congelamento das práticas e do tempo. Há que se tomar cuidado para não condenar estas comunidades a representar um mesmo personagem ao longo da vida.

Na visão dos geógrafos Henry Lefebvre, Milton Santos e Doreen Massey, não há como conceber a ideia de território sem que haja o entendimento das ações humanas envolvidas. É importante compreender na fala dos três autores que a realidade social aí é marcada por contradições.

Embora Lefebvre entenda que a fragmentação dos espaços territoriais gere desigualdades e proponha buscar uma homogeneização como forma de se prote-

ger disso, compreende também que as comunidades devem ter esta percepção e organizar-se para demandar condições que atendam às suas necessidades específicas. Neste caso o Estado se torna um regulador de uma política oficial comum a estes territórios, regulando também à lógica de mercado.

Mas como um espaço pode estar inserido em uma mesma lógica – a da mercadoria, que homogeneiza todo mundo (na mesma ideologia e ordem global) – e que ao mesmo tempo se fragmenta, se hierarquiza?

Entendem também Santos e Massey que o espaço, onde se apoia o território, precisa ser refeito a cada momento histórico, que está sempre em construção, de modo que dê conta de uma nova dinâmica social, de fluxos e interações, muito diferenciada da imagem que se criou sobre os fazeres artesanais, tanto dos queijos quanto das construções de adobe.

Do mesmo modo como Santos também entende este espaço ser um conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, caracterizando o espaço composto pelos sistemas natural e artificial (ou social), ao mesmo tempo encontramos emblematizados nestes agricultores a percepção de que a sobrevivência de seus grupos depende da adequação ao universo global.

Na concepção de Santos o espaço é, portanto, meio, o lugar material das possibilidades dos eventos. Para o geógrafo, o passado ficou “para trás”, o presente acaba, e o futuro, para conseguirmos prever ações e para fazer planejamentos, nos obrigará a fazer periodizações, uma vez que, assim, torna-se possível identificar o que seria novo no processo e possibilitaria uma ação transformadora e lúcida.

O entendimento mais forte sobre estas condições que definem território passa substancialmente pela concepção que Massey aborda sobre lugar. Cuida para que se entenda a relação entre global e local como um encontro de trajetórias, em um espaço que se apresenta com respostas em aberto, diferentemente da concepção de pré-determinação e congelamento histórico que o termo terroir muitas vezes incorpora como oportunidade de negócio. Traduz Massey o mesmo cenário que Nenê e Geovani constroem. Carregam o global e o local em suas práticas, suas relações técnicas e sociais. Prontos para estabelecer novas conexões e desconexões. Obrigá-los a exercer o papel de repositório de nossos desejos de uma certa forma é como condená-los a viver sempre em um passado que não avança.

A abordagem da geografia ajuda muito a compreender o aspecto flexível das relações que ocorrem em um lugar como as montanhas onde habitam estas pessoas. As trajetórias do global e local se contaminam, em sobreposições, passando uma a fazer parte da formação da outra, porém nunca formando um todo coerente e estável. As vivências destas pessoas que coabitam o mesmo lugar são individualizadas e nunca estarão fechadas ao que vem da relação com os outros lugares. Ao falar sobre comunidade, destaca o fato desta também ser heterogênea.



A heterogeneidade está presente em tudo, não há como querer criar normas e regras para uma homogeneidade.

Pode-se dizer que os lugares possuem uma identidade própria, porém, não de forma coesa, compartilhada por todos. Pode-se dizer que tanto as pessoas quanto os lugares formados por estas têm identidades múltiplas. Esta multiplicidade pode ser vista, portanto, como fonte de riqueza, de conflito ou até de ambas.

Isto coloca em cheque o que tem se concebido como produto terroir, pois garantir esta coesão é determinante para o olhar econômico do que se produz, segundo ênfase mercadológica e de consumo apresentada, mas definitivamente não é o que pode se exigir sob o aspecto social.

O que a meu ver se mostra de grande relevância frente a esta vivência, é que fundamentalmente o que caracteriza identidade comum aos moradores deste lugar é o fato de que, mesmo nas diferenciações, produziram um saber coletivo, uma memória e hábitos que não podem ser entendidos isoladamente, mas em seu conjunto. De que pertencem também ao tempo contemporâneo, interligados e participantes de uma rede, de um universo social que nem sempre os inclui da maneira real como se apresentam. O queijo e o tijolo são parte disso, mas estão essencialmente em um segundo plano. Neste sentido, um queijo produzido neste território só pode ser bem compreendido se for também compreendido conjuntamente com o tijolo em seu saber construtivo, com a colheita do feijão junto ao milho, na pausa para um mergulho no rio, nos ritos religiosos e nos almoços de domingo. E principalmente, só serão compreendidos Nenê e Geovani neste contexto, se forem entendidos como participantes em seus núcleos familiares e de vizinhança. O valor real do entendimento de território não está propriamente no produto, mas sim nas relações culturais distintas, da interação social local, também em rede. O produto não pode ser o foco, mesmo diante de todos apelos de consumo, deve ser entendido como resultante dos saberes vivos e em transformação dessas pessoas.

## **Novas relações**

Retornando à pergunta inicial sobre nova onda de eventos gastronômicos que me foi dirigida, entendo que há nitidamente uma busca sonhada por novas relações de consumo, e consequentemente produtivas. Uma busca do universo urbano, que generalizando, conhece muito pouco do que se realiza nas atividades rurais, principalmente de características familiares. Há, nesta idealização, à frente de um queijo como o produzido por Nenê, uma fantasia de que estes agricultores habitam um mundo totalmente diferenciado e que carregam este cenário imaginado como um éden a ser visitado por nós que habitamos a cidade. Sendo parte destes dois “cenários”, produtor local e morador de uma megacidade, e partici-

pando desta ponte de encontro entre estes dois possíveis “cenários”, entendo que há muita desinformação ainda de ambos os lados, que há uma distância propositalmente construída a fim de ampliar artificialmente o valor no consumo destes produtos “terroir”. Uma distância que vem a calhar para os negócios, mas que para este homem do campo o contém pressionado, para que mantenha a imagem do personagem idealizado pelo consumidor urbano. De mesmo modo, constrói para este consumidor urbano a ideia de um mundo paralelo a ser conquistado por todos e que não participa das relações em rede do mundo contemporâneo. Digo isso porque o valor de um queijo que se apresenta na vitrine chique da loja ainda supera em muito o valor que se comercializa o mesmo produto na localidade que se produz. Esta distância só configura o abismo nas rendas entre homem do campo e da cidade. De positivo entendo que há um passo importante aí na busca de uma relação saudável entre produtores, produto e consumidores, e que se não temos uma relação ideal ainda estabelecida, temos um caminho. Um caminho que permite, mais do que apontar para o valor do produto, apontar para a qualificação e inclusão de quem os produz (Figura 3).



**Figura 3** Convivência entre passado e presente nas tarefas rotineiras do campo.

Fonte: autor.

## Referências

BÊZ, M.; FIGUEIREDO, L. C. Algumas reflexões acerca da geografia Socioambiental. *Geosul*, Florianópolis, v. 26, n. 52, p. 57-76, jun./dez. 2011.

HAESBAERT, R. Por uma constelação geográfica de conceitos. In *Viver no limite*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 19-51.

KRUCKEN, L. **Design e Território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

\_\_\_\_\_. **Design e Território: uma abordagem integrada para valorizar identidades e produtos**. In ISSD 2º Simposio Internacional de Design Sustentável – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 5 a 6 de novembro, 2009.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. “Grupo as (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea” do núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: *La production de l’espace*. 4 ed. Paris: Editions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006, cap. 1.

MANZINI, E.; MERONI, A.; KRUCKEN, L. **Relação entre produto, território e consumidor: Visibilidade e comunicação entre local e global**. In Seminário Internacional Biodiversidade, cultura e desenvolvimento, Curitiba, 29 e 30 de junho, 2006.

MASSEY, D. O sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000, p. 176. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/33503254/Arantes-O-ESPACO-DA-DIFERENCA>>.

MENDONÇA, F. Geografia Socioambiental. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001.

MORAES, D. Design e identidade local: o território como referência projetual em APLs moveleiros. In **Cadernos de Estudos Avançados em Design**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2010.

REYES, P.; BORBA, G. Design estratégico aplicado ao território. In **Congresso Internacional de Pesquisa em Design**, 4º, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.anpedesign.org.br/artigos/pdf>>. Acesso em: 3 maio 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, M. L. Espaço geográfico, espaço social, organização espacial e produção do espaço. In **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 21-42.

SCHIMDT, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.

# Sobre os autores

## **Adriane Shibata Santos**

É doutora em Design pela PUC-Rio (2011), mestre em Saúde e Meio Ambiente (2007) pela Univille, especialista em Engenharia de Produto e Design pela PUC-Pr (2003) e graduada em Desenho Industrial – Projeto de Produto pela UFPR (1999). É professora do curso de Graduação em Design da Univille, além de compor também o quadro permanente do programa de Mestrado Profissional em Design da mesma instituição. Atualmente tem orientado suas pesquisas para as temáticas do design e sustentabilidade, design e contexto urbano, gestão e processo de design.

## **Agnes Narimatsu Honda**

Possui graduação em Engenharia de Alimentos pela Universidade de Campinas (2004) e mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo (2014) com foco em *Ecodesign*. Atualmente trabalha na Johnson & Johnson na área de pesquisa e desenvolvimentos de produtos. Tem experiência com gestão de processos e desenvolvimento de produtos, trabalhando principalmente com bens de consumo não durável. Atua também na inclusão de práticas de sustentabilidade dentro do processo de desenvolvimento de produtos.

## **Aldo Roberto Ometto**

Possui graduação em Engenharia de Produção – Química pela Universidade Federal de São Carlos (1997), mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Engenharia Hidráulica e Saneamento pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é professor da

Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Engenharia e Gestão do Ciclo de Vida do Produto, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Engenharia e Gestão do Ciclo de Vida; Avaliação do Ciclo de Vida; Gestão Ambiental de Empresas; Ecologia Industrial; Estratégias de Fim de Vida de produtos; Produção mais Limpa; Ecodesign.

## **Ana Maria Queiroz de Andrade**

Doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco em 2015, mestre em Educação pela Temple University, USA, 1988. Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco (1978). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Design, Tecnologia e Cultura credenciado pelo CNPq. Coordenadora do Laboratório de Design O Imaginário da UFPE, projeto que atua tanto na produção industrial quanto na produção artesanal. Tem experiência na área de Design, com ênfase em Desenho de Produto, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão de design e configuração do objeto.

## **Andréa Franco Pereira**

Designer de produto e doutora em Sciences Mécaniques pour L'Ingenieur, Université de Technologie de Compiègne (2001). Realizou pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao Grupo de Pesquisa em Avaliação de Ciclo de Vida (Ciclog). É professora-associada da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do CNPq de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora. Autora do livro *Madeiras Brasileiras: Guia de combinação e substituição* (Ed. Blucher/FAPEMIG). Possui 6 registros de Desenho Industrial e 3 patentes junto ao INPI. Atua nas seguintes áreas: Metodologia do Design, Ecodesign, Avaliação do Ciclo de Vida (ACV), Sustentabilidade.

## **Beany Guimarães Monteiro**

Bacharel em Desenho Industrial-Projeto de Produto, formada pela Escola de Belas Artes, e doutora em Engenharia do Produto e Gerência da Produção pelo Programa de Engenharia de Produção da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia – COPPE/UFRJ. Professora Associada II da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lotada no Departamento de Desenho Industrial – Projeto de Produto. Coordena o Laboratório de Design e Inovação Social, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## **Carla Cipolla**

Tem desenvolvido desde 2004 atividades de design para a inovação social na Europa, na África e no Brasil, onde atua agora como professor na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. É coordenadora do UFRJ Coppe DESIS Lab, um dos membros fundadores da rede DESIS (Design para a Inovação Social e Sustentabilidade). Alguns dos projetos em que está envolvida inclui Transit (Teoria da Inovação Social Transformadora), Lasin (Rede Latino Americana de Inovação Social), ambos cofinanciados pela Comissão Europeia e IFC (Informal, Formal e Colaborativo), um programa de atividades que envolve DESIS Labs na África e América Latina.

## **Carlo Franzato**

Designer e doutor em Design pelo Politecnico di Milano. É decano da Escola da Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde é professor do Programa de Pós-Graduação em Design da mesma instituição. É editor da revista *Strategic Design Research Journal*. Na perspectiva do design estratégico, sua pesquisa tem como tema central as redes de projeto que se constituem com a abertura do processo de design para as inúmeras colaborações projetuais estabelecidas entre designers e outros profissionais, empresas e outras organizações, usuários e cidadãos. Propõe o projeto em rede como método para a procura da sustentabilidade.

## **Chiara Del Gaudio**

Designer e pesquisadora em design. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Design da Unisinos. Seus principais temas de atuação e produção científica: Design para Inovação Social, abordagens participativas e colaborativas de Design; Design Estratégico; ação e integração do designer em áreas caracterizadas por exclusão social e conflitos urbanos. Sua pesquisa atual investiga os principais limites e as condições necessárias para atuação social do designer. Integra o grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa em Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social e o relativo Seeding Lab (Laboratório de Pesquisa sobre Inovação Social e Inovação Cultural, filiado a Rede DESIS).

## **Cyntia Santos Malaguti de Sousa**

Desenhista industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1980) e doutora em Arquitetura e Urbanismo

pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professora-pesquisadora do Centro Universitário Senac e da FAUUSP, nos cursos de Design. Tem experiência profissional na área de Desenho Industrial, atuando principalmente nos seguintes temas: design para sustentabilidade, gestão do design e cultura material.

## **Fabien A. Brones**

Francês, engenheiro de alimentos (AgroParisTech, 1985) e mestre em Engenharia e Gestão Ambiental (MINES-ParisTech, 2004). Doutor em Engenharia de Produção, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2015. Tem 30 anos de experiência em inovação e sustentabilidade na indústria de bens de consumo em grupos internacionais (França, Brasil) e consultoria ambiental. Entre 2007 e 2016, foi gerente científico em Tecnologias Sustentáveis na Natura Cosméticos. Foi diretor de P&D no Grupo Danone Divisão Biscoitos, de 2000 a 2003. Autor de artigos sobre gestão e avaliação de ciclo de vida, ambiental e social, ecodesign e sustentabilidade.

## **Fábio Neves Puglieri**

Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Ponta Grossa, no Departamento Acadêmico de Engenharia de Produção (DAENP). Possui graduação em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com mestrado e doutorado em Engenharia de Produção pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da Universidade de São Paulo (USP) e doutorado sanduíche na University of California, Berkeley. Tem atuado com pesquisas envolvendo planejamento estratégico ambiental, estratégias sustentáveis corporativas, Gestão do Ciclo de Vida (Life Cycle Management – LCM), Avaliação do Ciclo de Vida (ACV) e ecodesign.

## **Fernanda de O. Martins**

Designer paulista. Mudou-se para Belém-PA em 2014, onde, desde então, tenta outras formas de continuar designer. Com a colaboração de ribeirinhos, caboclos e associações de mulheres, permanece na busca deste outro design, que faça sentido e seja transformador. É diretora da Mapinguari Designl. Formada em Artes Plásticas pela ECA- USP, atualmente realiza doutorado em Design na ESDI/UERJ. *Master* em Design Gráfico e Tipografia na Escola de Design de Basel, Suíça. Especialista em Semiótica e Cultura Visual pela UFPA. Foi representante do Design no Conselho Nacional de Políticas Culturais do Ministério da Cultura (2013-2105) e membro do Conselho Nacional de Incentivo à Cultura entre 2005



e 2010. Uma das fundadoras da ADG, de que foi diretora entre 2004 -2009, e também do Conselho de Ética nas gestões de 1999-2003 e 2009-2012

## **Fernanda Pina**

Doutoranda em Design Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestra em Administração de Empresas pela PUC-Rio em 2015, graduada em Administração de Empresas pela PUC-Rio em 2010, integrante do Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO) da PUC-Rio e organizadora do programa PUC-Rio Mais de 50. Atualmente, dedica-se à pesquisa com foco no desenvolvimento de soluções para expansão das ações no espaço universitário voltadas para pessoas com mais de 50 anos, usando métodos de codesign, design etnográfico e *design thinking*. Possui experiência profissional de 16 anos nas áreas de gestão acadêmica e marketing com ênfase em educação continuada. Leciona em cursos de extensão com foco em marketing, empreendedorismo e inovação.

## **Fernando Betim Paes Leme**

Fernando Betim Paes Leme – Arquiteto (1986), professor e pesquisador pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Atua como pesquisador ligado ao “Grupo de Estudos do Lugar: Sustentabilidade em Projeto” – GELS/PUC-Rio e ao Laboratório do Ambiente Construído – LAC. Tem seu trabalho de pesquisa ligado a práticas sustentáveis em sistemas construtivos, pré-fabricação e atividades artesanais. Atua com trabalho de campo com ênfase em sustentabilidade relacionado às comunidades rurais do sul de Minas Gerais.

## **Helena Sampaio**

Mestre em Antropologia e doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), é docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi coordenadora executiva da OSCIP Artesanato Solidário desde a sua criação, em abril de 2002 até março de 2009. Desenvolve pesquisas sobre sistemas de ensino superior e sobre cultura popular e patrimônio imaterial.

## **Julio Cezar Augusto da Silva**

Pesquisador do Instituto Nacional de Tecnologia, onde coordena pesquisas e projetos nos temas design para sustentabilidade, mobilidade sustentável, ecodesign

sign, tecnologia assistiva e avaliação de impacto ambiental de produtos e serviços. Doutor em design pela PUC-Rio, com estágio no exterior na Delft University of Technology, Holanda (2009), mestre em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ (1999) e graduado em design pela ESDI-UERJ (1991).

## **Karine de Mello Freire**

Doutora em design pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil) e professora do Programa de Pós-Graduação em Design na Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, Brasil). Seu interesse de pesquisa está ligado à inovação social e aos processos de design estratégico que levam a ela.

## **Laura de Souza Cota Carvalho**

Empreendedora social e professora universitária. Doutora em Design pela PUC-Rio (2016), mestre em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRJ (2011) com ênfase em Gestão e Inovação e graduada em Desenho Industrial pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2007). Desde 2005 trabalha com pesquisa de desenvolvimento tecnológico industrial. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Projeto de Produto, atuando principalmente nos seguintes temas: design e território, agricultura familiar, design de produtos, design de serviços e inovação social.

## **Lia Buarque de Macedo Guimarães**

Possui graduação em Desenho Industrial (1977) e em Comunicação Visual (1977) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987); doutorado em Industrial Engineering pela University of Toronto, Canadá (1992); e pós-doutorado na School of Environment, Enterprise and Development (SEED) pela Faculty of Environment – University of Waterloo, Canadá (2011). Atua como professor colaborador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Design e Engenharia de Produção, atuando principalmente nos seguintes temas: ergonomia (macroergonomia), design de produtos e sistemas, sustentabilidade, cognição e engenharia de sistemas cognitivos.

## **Lia Krucken**

Atua nas áreas de design colaborativo, valorização do território e estratégias para sustentabilidade. Tem pós-doutorado em Design junto ao Politecnico

di Milano, instituição com a qual colaborou como professora visitante, e Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina. No Brasil vem atuando como professora desde 2003, em especial junto à Universidade do Estado de Minas Gerais, à Fundação Dom Cabral e à Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o projeto “creative change”, com parcerias no Brasil, na Alemanha e em Portugal, realizando workshops relacionados à design, arte e inovação nas cidades. É autora do livro “Design e Território”, publicado pela Nobel em 2009.

## **Lia Monica Rossi**

Graduada em Comunicação Visual (ESDI/UERJ) e mestre em Engenharia da Produção (COPPE/UFRJ). Cursos de Aperfeiçoamento no Centro Iberoamericano de Artesania, Espanha e na Universidade de Reading, Inglaterra. Cofundadora do curso de Design da UFPB/Campus II. Docente no Norte e Nordeste e Consultora em Design e Artesanato: Programa do Artesanato Brasileiro, Secretarias Estaduais, Sebrae, Fundación Iberoamericana de Artesania, Artesanato Solidário/Artesol etc. Idealizadora do Projeto de Pesquisa Art Déco Sertanejo. Atualmente prepara publicação, exposição e continua a atuar junto a comunidades artesanais. Coleciona rendas, bordados, livros e revistas antigas sobre o assunto.

liamonica2005@gmail.com

Agradecimentos a José Marconi pela parceria, pela leitura, pelas sugestões.

## **Marília Ceccon**

Doutoranda em Arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde realiza uma investigação sobre a afetividade e o significado da casa para os maiores de 60 anos utilizando o método etnotopográfico, com orientação da professora Cristiane Rose Duarte. Também atua como bolsista no Núcleo Pró-Acesso, coordenado por Cristiane Rose Duarte. Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2015, onde participa de pesquisa no campo do design emocional e envelhecimento com foco na promoção da saúde, levantando demandas da crescente população acima dos 60 anos no Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO) na PUC-Rio. Atua, também, como colaboradora do projeto PUC Mais de 50, com a função de coordenadora técnica. É graduada em Desenho Industrial, com habilitação em Projeto de Produto, pela PUC-Rio em 2011. Foi aluna de iniciação científica do LABMEMO, com orientação da professora coordenadora Vera Maria Marsicano Damazio (2008).

## **Marly Monteiro de Carvalho**

Professora livre-docente da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, no Departamento de Engenharia de Produção desde 1992. Coordena o Laboratório de Gestão de Projetos ([www.pro.poli.usp.br/lgp](http://www.pro.poli.usp.br/lgp)) e o grupo de pesquisa Qualidade e Engenharia do Produto e cursos associados na USP e Fundação Vanzolini. Autora de 12 livros e artigos científicos em gestão de projeto, da inovação e de operações sustentáveis.

Possui pós-doutoramento pelo Politécnico de Milão, doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduação em Engenharia de Produção Mecânica pela Escola de Engenharia de São Carlos da USP.

## **Nadja Maria Mourão**

Doutoranda em Design pelo PPGD – UEMG, possui mestrado em Design/UEMG (2011). Pós-graduada em Arte Educação pela UEMG – Faculdade de Educação; bacharel em Design de Ambientes pela Fundação Mineira de Arte Aleijadinho – Escola de Artes Plásticas. Atualmente é membro do CEDTec – Centro de Estudos de Design e Tecnologia / Linha de pesquisa: Cultura, Aspectos Socioeconômicos, Sustentabilidade e Gestão da inovação. Grupo CNPq: Tecnologia Social e Design Inclusivo. Professora em Tecnologia Social na Escola de Design. Tem experiência em Educação, com ênfase em Meio Ambiente, atuando principalmente nos seguintes temas: Tecnologia Social, Sustentabilidade, Design, Cultura e Empreendedorismo.

## **Paulo Reyes**

Arquiteto, especialista em Design Estratégico, mestre em Planejamento Urbano e doutor em Ciências da Comunicação. Professor adjunto da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS. É consultor ad-hoc da CAPES e da FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência de Portugal. Pesquisa sobre cidade contemporânea, território e cultura, processo de projeto e projeto por cenários. Coordenador do Grupo de Pesquisa no CNPq “Cidade contemporânea: entre arte e filosofia”.

## **Raquel Noronha**

Designer, mestre e doutora em Antropologia. Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão, onde integra o Programa de Pós-Graduação em

Design. Líder do NIDA – Núcleo de pesquisas em imagem, design e antropologia, desenvolve pesquisa nas áreas de identidade cultural e patrimônio, metodologias participativas, relação design, materiais e artesanato, e design anthropology. Contato: raquelnoronha79@gmail.com.

## **Renata Mattos Eyer de Araujo**

Graduação em Desenho Industrial e mestrado em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Na área de ensino atua como professora do quadro complementar do curso de Graduação em Design da PUC-Rio desde 1997. Atualmente ministra as disciplinas de Projeto Básico Contexto e Conceito, na qual atua também como supervisora, e Design Inclusivo e integra a equipe de professores da disciplina Projeto Avançado Usos e Impactos Socioambientais. É professora do curso de especialização Sustentabilidade no Projeto: do objeto à cidade.

Supervisora do Núcleo de Apoio e Inclusão da Pessoa com Deficiência (NAIPD) da PUC-Rio.

Coordenadora da Oficina de Tecnologia Assistiva do Centro de Vida Independente do Rio de Janeiro (CVI-Rio) onde desenvolve projetos na área de tecnologia assistiva.

## **Rita de Castro Engler**

Engenheira Civil/UFGM (1985), mestre em Engenharia de Produção/PUC-RJ (1988), DEA e doutora em Gestão de Inovação Tecnológica – École Centrale Paris (1993), pós-doutora em Design/UFGM (1994), pós-doutora em Design Social/Ryerson University (2014). Foi *chargé des cours* na École des Mines de Paris. Professora e coordenadora do Mestrado em Gestão de Tecnologia do CEFET/RJ. Criou e coordenou o Centro de Lideranças da BSP-Business School/SP. É professora e coordenadora do programa de doutorado e mestrado em Design/UFGM. Professora convidada da University of Tennessee, Christian Brothers University, Middle Tennessee State University e Ryerson University e coordenadora do CEDTec/UFGM, da Rede DESIS.

## **Rita Maria de Souza Couto**

Bacharela em Desenho Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1987; bacharela em Comunicação Visual pela PUC-Rio em 1988; mestra em Educação pela PUC-Rio em 1991; e doutora em Educação pela PUC-Rio em 1997. Professora-associada da PUC-Rio, atuou como

coordenadora de graduação, coordenadora de pós-graduação e diretora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio. Coordena o Laboratório Interdisciplinar de Design Educação – LIDE/DAD/PUC-Rio, onde vem realizando pesquisas sobre ensino de design, design no ensino, design social, interdisciplinaridade, design e educação financeira, dentre outros temas. É bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2006. É membro fundador e editora-chefe da revista *Estudos em Design* (Qualis A2). É líder destes grupos de pesquisa no CNPq: Estudos Interdisciplinares sobre Design e Educação, Design em Situações de Ensino-Aprendizagem e Design em Ambientes Digitais. É consultora *ad hoc* do CNPq, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

## Rui Roda

Natural de Lisboa, Portugal. É graduado em Arquitetura (Urbanismo) pela Universidade Lusíada de Lisboa, mestre em *Interior Design* pela *Scuola Politécnica di Design*, em Milão, e doutor em Design pelo Politécnico de Milão. Atua como professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos em Porto Alegre, Brasil. É professor visitante no Politécnico de Milão, em Itália, onde desenvolve processos de ensaios dedicados à regeneração da cidade. Tem vindo a desenvolver pesquisas relacionadas com a regeneração do território, inovação social, promovendo o diálogo transdisciplinar segundo uma cultura de projeto.

## Vera Damazio

Formada em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1980, mestra em Design Gráfico pela Boston University em 1985 e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2005. Professora de dedicação exclusiva da PUC-Rio desde 1985, atuando nos programas de graduação e pós-graduação em Design. Membro fundador da revista *Estudos em Design* (1993) e do P&D Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (1994), primeira publicação/evento de caráter científico na área de design no país. Integrante da comissão assessora do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) na área de design desde 2012. Atua nos campos de design social e design emocional e coordena, desde 2004, o Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO), espaço interdisciplinar de investigação e desenvolvimento de produtos e serviços com foco no potencial do design de promover o exercício pleno

da cidadania e o bem viver em sociedade. Desenvolve estudos de identificação de demandas e soluções em prol do envelhecimento saudável em parceria com o público idoso. Integra o programa PUC-Rio Mais de 50, que abrange atividades de familiarização com novas tecnologias, socialização, empreendedorismo e educação financeira para o público com mais de 50 anos. É membro fundador do grupo de trabalho Bem-Estar Financeiro do Idoso em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), o Ministério Público e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

## **Virginia Pereira Cavalcanti**

Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Designer de Produto pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua tanto na prática de projeto quanto na pesquisa em design. Pela sua tese, *O Design do Móvel Brasileiro Contemporâneo*: da diversidade à especificidade, recebeu, no ano de 2002, o diploma Museu da Casa Brasileira na categoria ensaios críticos. Professora efetiva do Departamento de Design UFPE, é membro do programa de Pós-Graduação em Design (mestrado e doutorado) e líder do grupo de pesquisa Design, Tecnologia e Cultura, credenciado pelo CNPq e da linha de pesquisa de mesmo nome no mestrado em Design. É coordenadora do Laboratório de Design O Imaginário, onde desenvolve pesquisas que estudam a relação entre design e cultura material e atividades de design relacionadas aos ambientes artesanal e industrial. A frente do Laboratório recebeu diversos prêmios, entre eles o IDEA Brasil na categoria pesquisa. Suas áreas de interesse são: Teoria e cultura material do design, design e sustentabilidade, gestão do design, novas metodologias, design e artesanato.

## **Yovana María Barrera Saavedra**

Possui graduação em Engenharia Ambiental pela Universidade Manuela Beltrán de Colômbia. É mestre em Engenharia de Produção e doutora do Programa de Ciências da Engenharia Ambiental, ambos pela Universidade de São Paulo – Escola de Engenharia de São Carlos. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Gestão e Engenharia do Ciclo de Vida do Produto. Tem experiência na área de Ecologia Industrial, Engenharia e Gestão do Ciclo de Vida de Produtos e Serviços, Avaliação do Ciclo de Vida, Análise de Fluxo de Materiais, Simbiose Industrial e Estratégias de Fim de Vida de Produtos.

